

GLOBALIZAÇÃO OU IMPERIALISMO?

PAULO DE TARSO P. L. SOARES*

A denominada globalização é um fenômeno novo? Os trabalhos sobre a globalização constituem uma teoria nova? O que está ocorrendo que já não tenha sido explicado pelos textos escritos por Hilferding, Bukharin e Lenin?¹

Defendendo-se das críticas à teoria da dependência, o então professor Fernando Henrique Cardoso argumentou que quase todos os conceitos utilizados atualmente nas ciências sociais podem ser relacionados aos autores clássicos. As noções básicas têm uma longa tradição. A antigüidade de uma idéia, no entanto, não é suficiente para enobrecê-la. Uma idéia/teoria é nova, tem vitalidade intelectual, quando repensa processos sociais antigos ou quando, recorrendo a antigas abordagens e noções, caracteriza processos sociais emergentes.²

O que há, então, de novo para ser anunciado, explicado, explicitado, enfatizado, sobre o estágio atual de desenvolvimento do capitalismo, que já não o tenha sido feito pelos autores marxistas acima citados? Que o estágio atual de desenvolvimento do capitalismo é o estágio superior da contradição básica do capitalismo, entre o caráter social da produção e o caráter privado da apropriação?

Que o desenvolvimento do monopólio na indústria e nos bancos criou o capital financeiro? Que apesar da produção mercantil continuar reinando, uma

* Professor da Faculdade de Economia e Administração da USP.

1. As referências bibliográficas são as seguintes: Rudolph Hilferding, *O capital financeiro*, São Paulo, Nova Cultural (Coleção Os Economistas), 1985; Nicolai Ivanovitch Bukharin, *O imperialismo e a economia mundial — esboço econômico*, 3ª. ed., São Paulo, Nova Cultural (Coleção Os Economistas), 1988; e Vladimir Ilitch Lenin, "Imperialismo, fase superior do capitalismo: ensaio popular", in *Obras Escolhidas*, tomo 1, São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

2. A referência bibliográfica da teoria da dependência é Fernando Henrique Cardoso & Enzo Faletto, *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970. A referência bibliográfica da resposta às críticas é Fernando Henrique Cardoso, *A Dependência Revisitada*, in "As idéias e seu lugar: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento", Cadernos Cebrap nº 33, Petrópolis, Vozes/Cebrap, 1980, p. 57.

parte cada vez maior dos lucros não se origina na produção, mas nas maquinações financeiras (basta lembrar da intensidade da especulação com câmbio, juros e matérias-primas, que tanto assusta os governos nacionais)?

Que o desenvolvimento das forças produtivas é incompatível com as amarras impostas pela nação e daí a luta para a abertura das portas dos países para as mercadorias e os capitais provenientes dos países imperialistas? Que o capital financeiro exerce uma política imperial? Que o imperialismo atual não é o mesmo do passado? Que os monopólios dos países maduros, auxiliados pelos seus Estados nacionais, romperam as barreiras dos demais países e construíram uma economia mundial?

Que a exportação de capitais predomina sobre a de mercadorias? Que a exportação de capital, mediante a “nacionalização” do capital, “aprisiona” o país (recursos naturais, mercado e política externa) e as tarifas aduaneiras, antes de serem um instrumento de defesa da produção nacional, constituem um instrumento de defesa dos monopólios “nacionais”? Que o mesmo pode ser dito em relação aos empréstimos (às dívidas) e à tendência de se firmarem acordos de comércio?

Que atualmente predomina a internacionalização das relações econômicas e do capital? Que a capacidade de os Estados nacionais fazerem política econômica foi enormemente reduzida? Que a exportação de capital é a maneira típica de como o capitalismo se espalha pelo mundo, homogeneizando comportamentos, padrões de consumo etc.? Que, hoje, como nunca antes, a racionalização da produção assumiu a forma de colaboração íntima entre as ciências abstratas e a indústria? Que a divisão internacional do trabalho se baseia cada vez menos nas diferenças naturais das condições de produção, baseando-se cada vez mais nas diferenças do desenvolvimento das forças produtivas? Que está mais acirrada a competição pelo controle de fontes de matérias-primas utilizáveis atualmente ou no futuro (basta lembrar das pesquisas com os chamados novos materiais)? Que a instabilidade econômica, as crises e os confrontos entre os países imperialistas são cada vez mais frequentes e intensos?³

As respostas a essa lista de perguntas, evidentemente incompleta, até mesmo pela limitação de espaço, claramente, são negativas. Não existe fenômeno novo nem teoria nova que acrescente algo de substantivo ao conhecimento estabelecido. Descrições atualizadas não constituem fatos ou teorias novas.

O uso da “teoria” da globalização para fazer a crítica ao capitalismo é redundante, desnecessário e, mesmo, plágio (termo que desagradará aos que

3. Registre-se que Lenin e Bukharin jamais reivindicaram criar uma teoria nova, apenas usar corretamente os ensinamentos de Marx e de Engels.

defendem a submissão do critério acadêmico ao “politicamente correto”). A inegável popularidade da globalização entre os críticos (com diferentes matizes) do capitalismo é explicada, em parte, pelo desconhecimento absoluto sobre o que foi escrito anteriormente ou pela leitura superficial desses escritos, fruto da falta de treino escolar e/ou do impedimento ideológico.

A globalização, no entanto, quando usada para fazer o elogio da modernidade, é uma teoria nova. Não por ser o imperialismo revisitado e melhorado, mas pela tentativa de distorcer e/ou negar as teses leninistas e bucharinistas. A fase superior do desenvolvimento da contradição básica, nessa nova perspectiva, transforma-se na fase melhor do desenvolvimento (sem contradição) do capitalismo. A fase de decomposição e parasitismo e, portanto, a proximidade do esgotamento do capitalismo, transforma-se na fase de maior eficiência produtiva e na eternização desse modo de produção. O que serve para mostrar o aumento da opressão nacional passa a servir como indicador da melhoria das condições de vida dos povos. O instrumental teórico desenvolvido para a crítica é distorcido e usado para o elogio.

A ênfase na globalização, sua enorme divulgação e popularidade, explica-se, também, pela necessidade política de negar validade teórica a textos escritos, no começo do século, por expoentes marxistas. Numa fase em que, pela *enésima* vez, tenta-se destruir a validade do marxismo, tenta-se negar a existência da luta de classes e proclamar a superioridade da teoria burguesa, é imprescindível, para alguns, negar o caráter científico, a validade teórica e a atualidade dos textos marxistas clássicos sobre a etapa superior do desenvolvimento da contradição básica do capitalismo, a contradição entre o caráter social da produção e o caráter privado da apropriação.

Com a vulgarização que é conhecida como “marxismo” (ressaltem-se as aspas), a ponto de alguns acreditarem que a microeletrônica, a produção flexível, a derrocada da URSS e a queda do muro de Berlim são provas da superação do marxismo, é compreensível que a “globalização” seja vista como novidade e encontre tantos adeptos. É urgente, portanto, não perder de vista o sentido da recomendação de Lukács: “A função do marxismo ortodoxo — superação do revisionismo e do utopismo — não é a liquidação, de uma vez por todas, de falsas tendências, mas sim uma luta incessantemente renovada contra a influência corruptora de formas do pensamento burguês sobre o pensamento do proletariado. Esta ortodoxia não é guardiã de tradições, mas a sentinela avançada e anunciadora da relação entre o momento presente e suas tarefas com referência à totalidade do processo histórico”.⁴ É urgente retomar as leituras e divulgar os textos de Lenin e Bukharin sobre a etapa imperialista do capitalismo.

4. Ver George Lukács, “O Marxismo Ortodoxo”, in *Lukács*, 2ª ed., org. José Paulo Netto (Coleção Grandes Cientistas Sociais), coord. Florestan Fernandes, São Paulo, Ática, 1992, p. 86.

SOARES, Paulo de Tarso P. L.. Globalização ou imperialismo? . *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.146-148.

Palavras-chave: Globalização; Imperialismo; Internacionalização.